

CCDR LVT

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

maio | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste o mês foi quente, registando valores médios da temperatura máxima superiores ao normal para a época em cerca de 1,5°C. Até ao dia 19 as temperaturas máximas apresentaram-se muito estáveis e próximas dos valores de referência das normais climatológicas. A partir do dia 20 e até quase ao final do mês, as temperaturas dispararam para valores muito elevados e pouco habituais para este período do ano. As temperaturas mínimas também apresentaram valores médios superiores ao normal para a época, embora menos expressivos. Apresentaram um padrão oscilante ao longo do mês e com uma tendência de subida. Durante a primeira metade do mês as noites foram mais frias, com alguns registos de temperaturas inferiores aos valores de referência das normais climatológicas. No mês registaram-se alguns dias com amplitudes térmicas mais significativas, que ocorreram no período em que os dias foram mais quentes (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia). As amplitudes máximas de 24,6°C, 22,6°C e 21,7°C, foram registadas no dia 26, respetivamente na estação de Alcobaça, Torres Vedras/Dois Portos e Santa Cruz (Aeródromo).

Na primeira metade do mês os dias apresentaram-se frequentemente com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade, que foi por vezes persistente nos locais mais junto ao litoral. Na segunda metade do mês verificaram-se dias mais luminosos, com o céu pouco nublado ou limpo, apresentando por vezes períodos de maior nebulosidade. Ocorreu com frequência formação de neblina ou nevoeiro matinal, com maior concentração na primeira e na última semana, contribuindo para elevar a humidade relativa do ar.

O mês foi ventoso no Oeste. Embora o vento tenha sido de intensidade fraca a moderada na maior parte dos dias e também tenham ocorrido alguns dias de vento fraco, foi frequente o registo de dias em que o vento se tornou por vezes forte junto ao litoral, principalmente na segunda e na última semana do mês.

A precipitação acumulada no mês foi próxima dos valores normais para a época, mas muito concentrada na segunda semana. Ocorreu principalmente na forma de aguaceiros, por vezes fortes e pontualmente acompanhados por trovoadas e queda de granizo.

Com a precipitação muito concentrada no início do mês e com a forte subida das temperaturas, maior luminosidade e vento, o teor de água no solo diminuiu significativamente. No final do mês, os solos da região encontravam-se principalmente no índice CC [21, 40]. Contudo, observavam-se ainda áreas no índice CC [41, 60], que ocupavam parcialmente os concelhos da Nazaré, Alcobaça, Peniche, Cadaval, Torres Vedras e Alenquer, e praticamente a totalidade dos concelhos do Bombarral e da Lourinhã.

Durante o mês houve boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as culturas instaladas. As principais linhas de água superficiais apresentavam caudais dentro dos níveis habituais para a época. As reservas hídricas à superfície mantinham níveis bastante elevados de armazenamento, embora tenham diminuído ligeiramente face ao mês anterior. As reservas de água subterrâneas mantinham-se em níveis superiores ao normal para a época.

As culturas em geral e especialmente as de sequeiro, beneficiaram com a precipitação ocorrida no mês porque os terrenos encontravam-se muito secos à superfície. Com o vento e o tempo quente e seco que se fez sentir durante o resto do mês, as culturas de sequeiro começaram a acusar falta de água e a rega foi intensificada nas culturas de regadio. Os trabalhos agrícolas próprios da época realizaram-se com regularidade, tendo sido brevemente interrompidos nos dias de maior precipitação. O mês em geral foi de muita atividade no campo. Com os níveis de humidade relativa

do ar elevados em alguns dias, favorecidos pela precipitação e pela frequência de neblinas, e com o aumento das temperaturas, durante o mês foram realizados tratamentos com regularidade para proteção das culturas.

Os cereais de sementeira outono-invernal, presentes no Baixo Oeste, beneficiaram da precipitação ocorrida na primeira metade do mês, principalmente as searas tardias. O tempo seco e bastante quente na segunda parte do mês acelerou a maturação das searas mais precoces, podendo, no entanto, prejudicar a formação do grão nas searas tardias.

Nas vinhas para vinho, as temperaturas médias elevadas conduziram a crescimentos rápidos nas videiras, as quais evidenciavam grande desenvolvimento foliar. As amplitudes térmicas significativas retraíram o desenvolvimento da cultura. Os dias com humidade relativa do ar elevada propiciaram o surgimento de focos de doenças criptogâmicas, tendo havido necessidade de uma forte proteção da cultura.

Nas vinhas para uva de mesa, a humidade relativa do ar elevada e a subida significativa das temperaturas na segunda metade do mês, também foram um pouco adversas para o estado fenológico da cultura (em fase de vingamento), tendo sido propícias ao aumento da pressão de doenças criptogâmicas.

Nos pomares de pomóideas, verificaram-se estragos devido à queda de granizo no dia 9, que foram consideráveis em algumas zonas e de menor relevo noutras. Continuou a registar-se mortalidade anormal de macieiras, sobretudo das variedades Gala e Fuji, em pomares localizados em zonas baixas que ficaram alagados e em situação de asfixia radicular durante um período longo. A subida das temperaturas aumentou a incidência de pragas.

Nas prunóideas em geral, a subida da temperatura foi favorável ao desenvolvimento dos frutos.

Nos pomares de limão, a precipitação ocorrida na segunda semana, em quantidade razoável, ajudou a equilibrar as necessidades hídricas da cultura,

promovendo o desenvolvimento vegetativo. Com a subida das temperaturas, no final do mês foi iniciada a rega, que se irá intensificar em junho. As temperaturas elevadas foram propícias ao desenvolvimento de doenças e pragas e poderão ter provocado queimadura solar, afetando mais os frutos maduros, mas também os que estão em crescimento.

As temperaturas amenas e a disponibilidade hídrica do solo, promoveram o bom estado fitossanitário do olival e uma floração muito intensa.

Na cultura da batata, principalmente na de sequeiro, a precipitação ocorrida na segunda semana deu um grande impulso na produção. A subida da temperatura na segunda metade do mês também favoreceu o desenvolvimento da cultura, embora no final, as batatas de sequeiro começassem a ressentir-se um pouco.

As neblinas frequentes, alguns dias de vento forte e temperaturas bastante elevadas na parte final do mês, não causaram problemas à cultura do arroz por esta se encontrar ainda num estado inicial de desenvolvimento.

O calor ajudou a acelerar o desenvolvimento vegetativo do milho.

As condições meteorológicas foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas hortícolas de ar livre. Durante o mês houve colheita de couves plantadas em dezembro, janeiro e fevereiro e de algumas plantadas já em março. Estas últimas apresentavam melhor qualidade relativamente às plantadas anteriormente. Registou-se uma recuperação da qualidade nas plantações mais recentes e um desenvolvimento rápido das mesmas, tendo sido recuperada a normalidade na produção. Durante o mês a procura de couves diminuiu bastante e a oferta aumentou, o que gerou elevados *stocks* de algumas couves, designadamente de couve coração, que apresentava um escoamento difícil e uma grande descida de preço. A campanha de cenoura de contra-estação (sementeira de setembro a dezembro) terminou durante o mês e já se colhia cenoura de estação (sementeira de janeiro a agosto), com boa qualidade e com produtividades boas. Não houve necessidade de importação e os preços estavam a

baixar. A cultura de abóbora estava a correr bem, com alguma diversidade no desenvolvimento. As mais adiantadas, plantadas no início de abril, apresentavam frutos vingados e frutos em crescimento, ainda pequenos, prevendo-se a colheita para agosto. A precipitação ocorrida na segunda semana foi muito favorável para a cultura. O calor no final do mês foi bom para o desenvolvimento da cultura em regadio, mas poderá levar a perdas significativas na cultura em sequeiro.

Os dias com mais luz e com temperaturas mais elevadas, aceleraram o desenvolvimento das culturas hortícolas em estufa, embora as noites tenham sido ainda frescas. Com a elevada subida das temperaturas na segunda metade do mês foi necessário pintar as estufas para baixar a temperatura no seu interior e criar um ambiente mais fresco para as culturas. Durante o mês mantiveram-se as colheitas de pepino, courgette e tomate, tendo terminado as de feijão verde.

No **Médio Tejo**, na primeira quinzena, o estado do tempo caracterizou-se por temperaturas amenas e ocorrência de precipitação, enquanto na segunda quinzena se verificaram temperaturas muito elevadas para a época e ausência de precipitação. As temperaturas máximas e mínimas registaram oscilações ao longo do mês, mais pronunciadas na segunda quinzena, período em que ambas evidenciaram uma tendência de subida. Na segunda metade do mês verificou-se a ocorrência de temperaturas máximas significativamente acima do normal para a época, associadas a uma onda de calor iniciada a partir do dia 20, que se prolongou até ao final do mês, de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. Entende-se como onda de calor o intervalo de pelo menos seis dias consecutivos com temperatura máxima diária superior em 5°C ao valor médio das temperaturas máximas diárias, no respetivo mês, para o período de referência 1991-2020. As amplitudes térmicas registaram ainda bastante variabilidade ao longo do mês na estação meteorológica de Alvega, com um valor médio de 18,5°C.

Os dias decorreram na primeira metade do mês com períodos de muita nebulosidade ou céu muito nublado. Na segunda metade, predominou o céu pouco nublado ou limpo, embora em alguns dias se tenham verificado períodos temporários de maior nebulosidade.

Relativamente ao vento, predominantemente soprou fraco a moderado, ocorrendo pontualmente dias de vento fraco.

A precipitação acumulada no final do mês situou-se muito abaixo dos valores normais para a época, cerca de metade, tendo-se concentrado maioritariamente na primeira quinzena. A mesma ocorreu sobretudo sob a forma de aguaceiros, por vezes fracos e dispersos e outras vezes mais intensos. Pontualmente, estes aguaceiros mais fortes foram acompanhados de trovoadas.

Com as condições meteorológicas registadas, de uma forma geral, no final do mês, o teor de água no solo diminuiu na região, situando-se maioritariamente no índice CC [21, 40]. Salienta-se, no entanto, que nos concelhos de Torres Novas e Mação se verificava uma distribuição entre os índices CC [41, 60] e CC [21, 40]. No concelho de Mação verificavam-se algumas zonas mais interiores situadas no índice CC [61, 80]. Registou-se ainda uma mancha situada no índice CC [11, 20] em zona de intercessão entre os concelhos de Ourém e Tomar.

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais decresceram relativamente ao mês anterior, contudo encontravam-se acima do normal para a época, mantendo-se uma boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias. Salienta-se, contudo, ter sido identificada na região uma situação de escassez de água no caudal do rio Tejo, entre Abrantes e Constância, particularmente na última semana do mês, período durante o qual não houve disponibilidade de água para rega.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, verificou-se, sobretudo na segunda metade do mês, um adiantamento dos ciclos vegetativos e reprodutivos das culturas. As condições climatéricas registadas permitiram a continuidade das operações

agrícolas, em especial das sementeiras das culturas de primavera-verão, que decorreram de forma regular e a bom ritmo.

Nas culturas de cereais praganosos, as condições de calor e pouca precipitação promoveram a antecipação da secagem e maturação das plantas.

Ao longo do mês, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se ainda muito secas, contudo algumas pelo efeito da chuva, mesmo em pouca quantidade, evidenciaram melhorias. As plantas de pequeno porte e pequena área foliar conseguiram entrar em floração e garantir a sua reprodução. No que respeita aos prados de regadio, verificou-se de forma geral as plantas espigadas, influenciadas pelas temperaturas mais altas.

Nas vinhas, as condições de tempo foram favoráveis à floração, em especial pela menor precipitação ocorrida nesse período, com um desenvolvimento muito rápido da cultura.

Nas figueiras, o estado do tempo não influenciou o desenvolvimento normal dos figos lampos.

Nos limoeiros, as condições climatéricas registadas não interferiram no desenvolvimento regular da cultura.

Nas amendoeiras, as temperaturas altas e a fraca precipitação contribuíram para um menor risco de aparecimento de doenças fitossanitárias, mas, por outro lado, favoreceram o desenvolvimento de pragas. No final do mês a cultura denotava elevadas necessidades de rega.

Nos olivais tradicionais, as oliveiras mantiveram-se em boas condições vegetativas e fitossanitárias, favorecidas pelas temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, com uma enorme exuberância floral. Nos olivais intensivos também se observaram condições meteorológicas muito favoráveis à floração.

No tomate para indústria, as altas temperaturas registadas no final do mês, queimaram algumas plantas ainda muito jovens. O tempo muito instável ao longo do mês e temperaturas mais altas do que o habitual neste

período, implicaram uma intensificação da dotação de rega.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas foram bastante estáveis e com valores próximos do normal para a época até ao dia 19. A partir dessa data verificou-se uma subida acentuada e os valores mantiveram-se muito elevados, registando-se uma onda de calor em ambas as estações a partir do dia 20. As temperaturas mínimas apresentaram alguma oscilação ao longo do mês e uma tendência de subida, mais evidente a partir do dia 20. Os valores médios foram muito próximos do normal, embora se tenham verificado na primeira semana valores ainda muito baixos. As amplitudes térmicas diárias registaram variabilidade ao longo do mês, tendo sido mais acentuadas na segunda quinzena. Os valores mais elevados, de 22,3°C e de 24,5°C foram registados no dia 26, respetivamente na estação de Santarém e na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e com períodos de muita nebulosidade, verificando-se que a primeira metade do mês se caracterizou por maior concentração de dias nebulosos e a segunda metade por dias de céu mais limpo. Ocorreu formação de neblina ou nevoeiro, de forma mais concentrada na primeira metade do mês.

O vento foi predominantemente fraco a moderado, com registo de alguns dias de vento fraco.

A precipitação acumulada no mês foi cerca de metade do normal para a época e concentrada na segunda semana, tendo ocorrido principalmente sob a forma de aguaceiros, por vezes fortes e pontualmente acompanhados de trovoadas.

Com a pouca precipitação, no final do mês o teor de água no solo tinha diminuído em toda a região. Nos concelhos da Lezíria do Tejo prevalecia o índice CC [21, 40], verificando-se ainda algumas áreas no índice CC [41, 60] nos concelhos da Golegã, Santarém, Cartaxo, Rio Maior e Azambuja. Este último concelho apresentava

também uma área já no índice CC [11, 20]. Nos concelhos do Baixo Sorraia também predominava o índice CC [21, 40], embora todos apresentassem ainda algumas áreas no índice CC [41, 60] e o concelho de Benavente apresentasse já uma área no índice CC [11, 20].

As reservas de água superficiais mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época. As águas subterrâneas também mantinham níveis acima do normal para a época na margem norte do rio Tejo e na margem sul os níveis apresentavam-se inferiores. Verificou-se uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, a precipitação na segunda semana do mês impediu alguns trabalhos agrícolas, os quais foram rapidamente retomados, tendo decorrido com normalidade até ao final do mês, prosseguindo as sementeiras e plantações das culturas de primavera-verão com bom ritmo. Com a elevada subida das temperaturas a partir do dia 19 e a ausência de precipitação, foi reforçada a administração de rega em grande parte destas culturas.

As pastagens de sequeiro apresentavam-se precocemente secas. As forragens cortadas para feno apresentavam um fraco desenvolvimento, inferior ao habitual.

Nas vinhas para vinho, a antecipação de temperaturas mais elevadas refletiu-se num adiantamento do ciclo vegetativo. Nos períodos de precipitação verificaram-se condições favoráveis à ocorrência de doenças fúngicas. Nas vinhas para uva de mesa, as condições meteorológicas foram um pouco adversas para o estado fenológico da cultura, ainda assim o vingamento decorreu como esperado.

Nos citrinos, designadamente na laranja, apesar das situações meteorológicas contraditórias ocorridas no mês, ou seja, no início ter ocorrido chuva intensa e vento, e a partir de meados do mês ter ocorrido uma onda de calor anormal para esta época do ano, não se registaram efeitos negativos nos pomares. Apenas de assinalar a queda de alguns frutos ainda na fase de consolidação do

vingamento, devido aos ventos e chuva do início do mês. Admite-se que o excesso de calor no final do mês tenha provocado um aumento e antecipação do "June Drop" (queda natural e fisiológica de frutos jovens que ocorre no final da primavera e início do verão), pela observação de alguns frutos já no chão.

No olival, apesar do vento e precipitação fortes, bem como queda de granizo em alguns locais, não foram identificados danos significativos, uma vez que a floração/vingamento se antecipou face ao habitual.

Na cultura de milho, as condições meteorológicas, designadamente as temperaturas baixas verificadas no início do mês (dias muito frescos para a cultura), foram limitantes para o desenvolvimento das plantas, o qual decorreu de forma muito lenta. A subida das temperaturas no final do mês irão promover o desenvolvimento da cultura.

Na cultura do arroz, a precipitação verificada na primeira quinzena atrasou a preparação dos solos e as temperaturas mínimas baixas verificadas no mesmo período inibiram o normal desenvolvimento do arroz.

Na cultura de grão de bico, a chuva que ocorreu em maio ajudou a recuperar do *stress* hídrico do mês anterior. O efeito do calor registado no final do mês, que teve impacto nas plantas em plena floração, estava ainda em avaliação.

Na cultura do tomate para indústria, o estado do tempo foi favorável para o desenvolvimento vegetativo. No entanto, pontualmente algumas áreas foram afetadas pelas chuvas e granizo.

Na cultura do melão, nesta fase em que o fruto é ainda pequeno e pouco exposto, a cultura beneficiou das temperaturas altas, por estar acompanhada de uma boa disponibilidade de água.

O tempo permitiu um adiantamento no desenvolvimento vegetativo da cultura de batata. As variações bruscas e acentuadas entre temperaturas diurnas e noturnas foram favoráveis ao desenvolvimento de doenças fúngicas, designadamente alternaria.

Na **Grande Lisboa**, a primeira quinzena do mês foi marcada por períodos de instabilidade atmosférica, com ocorrência de chuva, aguaceiros e elevada nebulosidade, enquanto a segunda quinzena apresentou condições mais estáveis, com predomínio de céu pouco nublado ou limpo e temperaturas progressivamente mais elevadas. Estas condições favoreceram o desenvolvimento vegetativo das culturas, embora os períodos húmidos do início do mês tenham proporcionado condições favoráveis ao aparecimento de doenças.

A temperatura máxima do ar registada foi significativamente superior à temperatura máxima normal para a época, apesar de que até ao dia 20 foi sempre inferior. A temperatura mínima observada foi inferior ao valor padrão de referência, embora a sua média tenha atingido aproximadamente 0,4°C acima da normal climatológica. As maiores amplitudes térmicas diárias evidenciaram-se a partir do dia 20 até final do mês, variando entre 11,1°C e 15,1°C. Não houve registo de onda de calor, no entanto, entre os dias 20 e 23 essa diferença oscilou entre 6,2°C e 9,4°C e, do dia 25 ao 29, a diferença variou entre 6,0°C a 11,1°C.

A nebulosidade foi frequente durante a primeira metade do mês, com vários dias de céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade. A partir da segunda quinzena verificou-se uma diminuição gradual, predominando céu pouco nublado ou limpo. Registaram-se diversas situações de formação de neblina ou nevoeiro matinal, particularmente nas zonas costeiras e junto ao estuário do Tejo.

O vento soprou predominantemente dos quadrantes norte e noroeste, geralmente com intensidade fraca a moderada. Durante alguns episódios de instabilidade atmosférica verificaram-se intensificações temporárias do vento, sobretudo entre os dias 8 e 15. A rajada máxima do mês foi registada no dia 9, associada à ocorrência de aguaceiros fortes. Nas zonas costeiras, nomeadamente junto ao Cabo Raso, ocorreram frequentemente períodos de vento moderado a forte.

A precipitação concentrou-se essencialmente na primeira quinzena do mês, sendo os dias 9 e 10 os mais chuvosos. No total, a precipitação acumulada em maio foi inferior ao normal climatológico para o mês.

A humidade relativa do ar apresentou valores elevados ao longo de grande parte do mês. Os valores máximos diários atingiram frequentemente 100%, sobretudo durante os períodos mais húmidos e nos dias com precipitação. Os valores mínimos diários oscilaram maioritariamente entre 34% e 67%, refletindo uma redução da humidade atmosférica durante os períodos mais estáveis da segunda metade do mês. Estas condições traduziram-se em ambientes favoráveis à manutenção da humidade foliar durante vários dias consecutivos no início do mês.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, o concelho de Mafra situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [21, 40], com uma mancha a noroeste no índice CC [41, 60]. Os concelhos de Odivelas, Amadora e Lisboa apresentaram predominantemente valores no índice CC [41, 60]. Os concelhos Vila Franca de Xira, Sintra, Loures, Cascais e Oeiras registaram maioritariamente valores no índice CC [21, 40], evidenciando reservas hídricas moderadas. De forma geral, verificou-se uma diminuição gradual da disponibilidade de água no solo ao longo do mês, acompanhando a redução da precipitação e o aumento das temperaturas.

Houve uma redução gradual das reservas de água durante a segunda metade do mês, resultado do baixo valor de precipitação acumulada e das temperaturas elevadas que se fizeram sentir. No entanto, ainda se mantém uma boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Relativamente à influência do estado do tempo na agricultura em geral, as temperaturas amenas e a precipitação ocorrida na primeira quinzena promoveram o crescimento vegetativo das culturas, beneficiando os prados e pastagens através da manutenção da humidade do solo e, assim, a disponibilidade de alimento para o gado. Nas

sementeiras e plantações de primavera-verão, a humidade acumulada favoreceu a instalação e a germinação das culturas, enquanto o tempo mais estável e quente da segunda metade do mês facilitou o desenvolvimento das plantas e a realização dos trabalhos agrícolas. Nos pomares, verificou-se uma evolução vegetativa e produtiva satisfatória, embora os períodos de elevada humidade e nebulosidade tenham aumentado o risco de doenças, exigindo maior atenção fitossanitária. De forma geral, o mês contribuiu para uma evolução favorável das culturas, apesar da intensificação do risco de aparecimento de pragas e doenças, bem como para o desenvolvimento de infestantes, tornando necessária a implementação atempada de medidas fitossanitárias preventivas e corretivas adequadas.

Na vinha de uva para vinho, apesar da ocorrência de episódios de precipitação no início do mês não se registaram danos relevantes. As condições meteorológicas verificadas favoreceram, de um modo geral, o desenvolvimento vegetativo da cultura. A conjugação de temperaturas amenas e adequada disponibilidade hídrica no solo proporcionou uma evolução regular do ciclo cultural, permitindo a manutenção de um bom estado vegetativo das vinhas e perspectivas produtivas globalmente favoráveis. Contudo, estas condições climáticas revelaram-se igualmente propícias ao aparecimento e desenvolvimento de doenças e à proliferação de infestantes, exigindo a adoção de medidas preventivas e de controlo fitossanitário.

Na vinha de uva de mesa, apesar das condições meteorológicas terem sido algo desfavoráveis para esta etapa do ciclo vegetativo, o vingamento evoluiu de forma satisfatória, não se observando constrangimentos significativos ao desenvolvimento da cultura.

No olival, as condições meteorológicas caracterizadas por temperaturas amenas e adequada disponibilidade hídrica no solo, favoreceram uma floração abundante e homogénea, contribuindo para um elevado potencial produtivo.

No arroz, as condições meteorológicas revelaram-se favoráveis ao desenvolvimento da cultura, que decorria dentro dos parâmetros considerados normais para a época. Contudo, a precipitação registada no início do mês provocou alguns constrangimentos nas operações de preparação do solo, originando um ligeiro atraso nas sementeiras.

No tomate para indústria, as condições meteorológicas condicionaram pontualmente as operações culturais. A precipitação registada no início do mês provocou interrupções temporárias das plantações, contribuiu para a compactação superficial do solo em algumas parcelas e originou uma desaceleração temporária do crescimento vegetativo. Por sua vez, as temperaturas elevadas verificadas no final do mês levaram à suspensão de algumas plantações durante alguns dias, de forma a evitar perdas nas plantas recém-instaladas. Ainda assim, não foram reportados prejuízos significativos na cultura.

Na **Península de Setúbal**, até ao dia 19 as temperaturas máximas registaram valores próximos do valor normal para a época. A partir daí verificou-se um aumento muito acentuado, com um ligeiro decréscimo nos últimos quatro dias do mês. Ocorreu uma onda de calor, iniciada no dia 20 e com duração de doze e dez dias, respetivamente nas estações meteorológicas de Pegões e de Setúbal. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais irregular ao longo do mês, em geral com valores inferiores ao normal para a época no período inicial. As maiores amplitudes térmicas foram registadas no final do mês (22,9°C no dia 26 na estação de Setúbal). As menores amplitudes térmicas observaram-se em meados do mês (5,6°C no dia 11 na mesma estação).

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado essencialmente até meados do mês, verificando-se na última semana céu pouco nublado ou limpo.

O vento soprou em geral fraco a moderado, pontualmente forte em meados do mês.

Ocorreu precipitação na segunda semana do mês, sob a forma de chuva ou aguaceiros, por vezes fortes e acompanhados de trovoadas. O total de precipitação mensal foi de cerca de 40% e 70% do valor normal para a época, respetivamente para as estações de Pegões e Setúbal.

A humidade relativa diária foi em geral superior à registada no mês anterior.

O teor de água no solo registou decréscimo relativamente ao mês anterior essencialmente nas regiões litorais, sendo que nas zonas interiores o valor se manteve praticamente idêntico. No final de maio, a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. À semelhança do mês anterior, zonas mais interiores dos concelhos de Palmela (a sul) e de Setúbal (a norte) encontravam-se no índice CC [11, 20]. Também neste índice estavam as zonas sudoeste do concelho de Setúbal, bem como as zonas sudeste e noroeste do concelho de Sesimbra, o concelho de Almada e a zona oeste do concelho do Seixal. A região sudoeste do concelho de Sesimbra estava já no índice CC [1, 10]. Comparativamente a igual período do ano anterior, em toda a região o teor de água no solo era então superior, entre os índices CC [41, 60] e CC [11, 20].

Continuaram a verificar-se condições de aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos, bem como disponibilidade nos cursos superficiais e nos solos, que em alguns casos, apesar de formarem uma crosta superficial, continuavam com reservas de água consideráveis em profundidade.

Não se verificaram constrangimentos para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, as condições foram propícias à realização dos trabalhos no campo, nomeadamente na instalação de novas culturas, a nível de sementeiras e plantações, controlo de infestantes, tratamentos fitossanitários, adubações, entre outros.

No que se refere às vinhas, as manhãs relativamente frescas, acompanhadas por alguma humidade,

favoreceram o desenvolvimento vegetativo equilibrado. As temperaturas máximas muito elevadas registadas a partir de meados do mês, de um modo geral, não causaram preocupações significativas ao nível fisiológico das plantas. Nesta fase de desenvolvimento da vinha, temperaturas elevadas contribuem para a adaptação gradual das plantas ao calor, aumentando a sua capacidade de tolerar episódios posteriores de escaldão. Contudo, quando associadas a défice hídrico, podem limitar o crescimento dos bagos, uma vez que a videira reduz a sua atividade vegetativa e reprodutiva em resposta ao *stress* hídrico, podendo mesmo provocar a queima de bagos. Relativamente ao risco de escaldão, de salientar que temperaturas elevadas acompanhadas por vento forte, aumentam significativamente a probabilidade de ocorrência de danos nos cachos e na folhagem. Em episódios extremos registados em anos anteriores na região, com temperaturas superiores a 45°C, a capacidade de proteção natural da planta revelou-se insuficiente. Em condições normais, com temperaturas entre 28°C e 30°C e ausência de ventos fortes, a vinha consegue gerir adequadamente as condições de *stress*. A previsão de descida da temperatura máxima para valores próximos de 25°C no início de junho, seguida de um aumento gradual para 30°C, é considerada favorável. Esta alternância permite reduzir a transpiração e o nível de *stress* da planta, promovendo um desenvolvimento vegetativo equilibrado.

Nas pomóideas a subida repentina da temperatura máxima, com valores muito elevados a partir de meados do mês limitaram temporariamente o crescimento dos frutos, devido a aumento de *stress* nas plantas. Em resposta, foram reforçadas as dotações de rega, incluindo períodos de rega diurna e noturna. Os efeitos do calor extremo fizeram-se sentir sobretudo ao nível dos frutos, tendo sido observados casos pontuais de escaldão superficial (externo), principalmente em maçãs.

Nas ameixas, alguns dias com vento forte provocaram riscos e lesões superficiais na epiderme dos frutos.

Foram também observados casos pontuais de escaldão superficial devido às elevadas temperaturas.

No que respeita às tangerineiras, verificaram-se condições favoráveis ao seu desenvolvimento, nomeadamente níveis adequados de radiação solar e precipitação pontual, sem ocorrência de fenómenos meteorológicos adversos com impacto significativo na cultura. Estas condições favoreceram o crescimento vegetativo e permitiram uma boa evolução do vingamento e do desenvolvimento inicial dos frutos.

Na cultura do milho, as elevadas temperaturas registadas no final do mês tiveram um efeito em geral positivo no desenvolvimento inicial da cultura, sobretudo nas parcelas onde os solos ainda mantinham níveis adequados de humidade.

Na cultura do arroz, as temperaturas muito elevadas registadas durante a segunda quinzena tiveram impactos distintos na cultura. Por um lado, favoreceram a germinação e o crescimento inicial do arroz, acelerando o desenvolvimento vegetativo e promovendo uma emergência rápida e uniforme. Por outro lado, a subida abrupta das temperaturas criou condições propícias ao desenvolvimento de limo (algas) em algumas parcelas. Assim, a previsível descida das temperaturas para o início de junho será benéfica, contribuindo para um maior equilíbrio das condições de crescimento.

Na cultura do tomate para indústria, o calor intenso em meados do mês condicionou as operações de plantação, obrigando à sua realização apenas durante o período da manhã. Verificaram-se algumas perdas de plantas recém-instaladas, tornando necessária a realização de replantações localizadas. Por outro lado, as temperaturas elevadas registadas durante o mês, associadas a baixos níveis de humidade atmosférica, favoreceram de forma geral o crescimento das plantas.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Na vinha para vinho, devido à precipitação significativa que ocorreu durante a segunda semana, foram previamente recomendados tratamentos com ação preventiva e curativa e ainda a aplicação de anti-esporulantes nas vinhas já com manchas de míldio. Foi dada preferência a tratamentos sistémicos para proteção da vinha nesta fase da cultura bastante sensível e com grande evolução vegetativa. Com o aumento da temperatura as infeções iniciais de míldio estabilizaram, mas foram criadas condições de risco elevado ao aparecimento de oídio, situação que necessitará de ser acautelada com tratamentos preventivos, sem descurar os intervalos de ação dos produtos de forma a manter a cultura protegida. Devido ao foco dos produtores na proteção da cultura, não foram registados prejuízos causados por doenças criptogâmicas, acima do normal.

Na vinha para uva de mesa, a pressão de míldio foi elevada. Verificou-se também alguma pressão de oídio, mas em níveis normais para a fenologia da cultura e condições do tempo. Durante o mês foram realizados tratamentos preventivos que asseguraram a proteção fitossanitária da cultura.

Relativamente às pomóideas, nos pomares de pera Rocha o fogo bacteriano continuava a ser o maior problema fitossanitário, presente em toda a região. Durante o mês foram observados sintomas da doença, que apresentou uma intensidade média/baixa e os produtores continuavam a fazer limpezas sanitárias nos pomares. Os focos observados corresponderão à evolução de sintomas de infeções anteriores e não a novas infeções. Os pomares bem limpos na campanha anterior não apresentavam grandes problemas, encontrando-se as situações mais complicadas associadas a pomares que não tiveram podas de

limpeza na campanha anterior, ou que foram realizadas de forma deficiente. Continuaram a surgir sintomas de estenfiliose (manchas castanhas nos frutos) com uma intensidade média/baixa, sobretudo em pomares com histórico da doença. Com a subida das temperaturas, na segunda quinzena começou a ser visível a presença de afídeos, verde e negro, com intensidade média. As capturas de bichado (*Cydia pomonella*) apresentaram-se em geral baixas, embora em alguns locais tenha havido capturas mais elevadas, o que poderá estar associado ao abandono de pomares nas proximidades. Com a subida das temperaturas a psila começou a surgir em vários estádios (ovos a ninfas N1-N5) e com uma intensidade baixa a média, tendo sido efetuadas largadas de antocorídeos (predador das psilas) para controlo biológico da praga.

Nas macieiras, o fogo bacteriano estava a ter bastante mais expressão este ano, tendo sido realizadas limpeza sanitárias nos pomares durante o mês. Pontualmente foram identificadas algumas infeções de pedrado em folhas e frutos, com intensidade média, principalmente na variedade Fugü e em pomares com histórico da doença e com inóculo dos anos anteriores. As capturas de bichado (*Cydia pomonella*) foram mais elevadas em alguns locais próximos de pomares abandonados, mas em geral mantiveram-se baixas. A presença de pulgão lanígero manteve-se elevada devido à subida das temperaturas. Surgiram alguns focos de aranhão vermelho, com intensidade baixa, mas com tendência a aumentar. Manteve-se alguma presença de pedrolho, mas baixa. Em alguns pomares o controlo do pedrado não foi eficaz.

Os pomares de prunóideas em geral apresentaram boas condições fitossanitárias. Nas ameixeiras foram realizados pontualmente alguns tratamentos para combater a presença de afídeos e nos pessegueiros realizaram-se os tratamentos habituais para a proteção contra o aparecimento de fungos. Nos pomares de pessegueiros foram registados estragos nas variedades mais precoces que se encontravam quase prontas a colher, provocados pela presença de javalis, que partem

os ramos para comerem os frutos, causando atualmente prejuízos elevados na região.

Nos pomares de limão os problemas fitossanitários mantiveram-se controlados, tendo sido realizados tratamentos para a proteção da cultura contra o aparecimento de afídeos (pulgão-preto, que ataca principalmente a parte foliar dos novos lançamentos), lagarta mineira e ácaros, pois com a subida das temperaturas a intensidade das pragas tende a aumentar.

O olival apresentou um bom estado fitossanitário, não tendo havido necessidade de tratamentos para proteção da cultura.

Na cultura da batata não se registaram problemas fitossanitários significativos. Verificou-se alguma incidência de mildio e de alternaria, mas a pressão não foi elevada. Em termos de pragas foi registada alguma presença de escaravelho. Durante o mês realizaram-se tratamentos preventivos para as doenças fúngicas, bem como aplicação de inseticida, tendo-se revelado eficazes.

Na cultura do arroz não tinham ainda sido identificados problemas fitossanitários por esta se encontrar numa fase inicial. Não foram aplicados tratamentos de herbicidas para não prejudicar o crescimento do arroz, devido às plantas se encontrarem muito pequenas.

Na cultura do milho foi já registada alguma presença de javalis, embora ainda sem identificação de estragos.

Nas culturas hortícolas de ar livre, designadamente nas couves, o ano não tem sido problemático em termos de doenças, embora as couves plantadas ainda no final do ano anterior apresentassem mais problemas. Relativamente a pragas, as mesmas tendencialmente aumentam com a subida das temperaturas, tendo sido mais difíceis de controlar do que as doenças. Durante o mês continuou a verificar-se a presença de piolhos (afídeos) e, com menor intensidade, de mosca da couve e algumas traças. Registaram-se algumas situações mais difíceis de controlar, designadamente em termos de piolhos porque os produtos disponíveis apresentam

menos eficácia do que no passado. Os produtos para combater as restantes pragas apresentaram boa eficácia, mas a menor procura de couves durante o mês acompanhada de uma descida acentuada de preço levou a uma baixa perspectiva de rendimento da cultura e a algum desleixo nos tratamentos. Nas cenouras e nas abóboras não foram registados problemas fitossanitários.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de oídio no pepino e na courgette, de afídeos no feijão verde e de *Tuta absoluta* e mosca branca no tomate. Os ataques de doenças e pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos cereais praganosos, nada de relevante foi identificado. Os tratamentos realizados em maio e o tempo têm contribuído eficazmente para o bom estado fitossanitário destas culturas.

Nas vinhas para vinho, registaram-se algumas ocorrências na primeira metade do mês, designadamente focos de míldio, com alguma incidência nas castas Aragonez e Antão Vaz. Após a realização de tratamentos, a doença deu-se como controlada. Na última semana do mês, registaram-se alguns focos de oídio, ainda muito dispersos.

Nas figueiras, não foram identificadas ocorrências de pragas ou doenças, para além da situação já registada no mês anterior e que se manteve em maio, especificamente a presença de cochonilha preta (*Ceroplastes rusci*).

Nas amendoeiras, as condições meteorológicas registadas, especialmente as temperaturas altas associadas a baixos níveis de humidade, foram desfavoráveis ao desenvolvimento de doenças. No entanto, em alguns amendoais, continuaram a verificar-se sinais de crivado (*Stigmina carpophila*). No que respeita a pragas, verificaram-se os primeiros ataques

de ácaros, com uma evolução muito rápida, com a presença de adultos, larvas e ovos.

As noqueiras, encontravam-se relativamente bem em termos fitossanitários. Apenas foram identificadas infeções de forma localizada, por antracnose, causadas pelas chuvas de maio, mas que apenas danificaram folhas.

Nos citrinos, em especial no limão, salienta-se o surgimento da traça do limoeiro, ainda com pouca intensidade.

Os olivais tradicionais e intensivos apresentavam um bom estado fitossanitário, não se registando ocorrências de pragas ou doenças, com significado. Este facto, justificou a ausência de tratamentos durante o mês de maio.

No milho de regadio, em geral os tratamentos fitossanitários realizados ao longo do mês foram eficazes, sem ocorrências significativas. No entanto, em alguns campos começaram a surgir as pragas comuns, como a pirale e a lagarta desfolhadora, ainda com intensidades fracas.

No tomate para indústria, com as chuvas ocorridas na primeira quinzena, surgiram alguns focos de míldio, os quais com os tratamentos realizados e posteriormente pelo efeito das temperaturas mais altas, foram travados e a doença controlada no final do mês.

Na cultura de girassol, não foi identificado nenhum problema fitossanitário significativo.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, com o aumento da humidade devido à precipitação, verificaram-se condições favoráveis à ocorrência de infeções primárias e secundárias de míldio. Os tratamentos preventivos efetuados revelaram-se eficazes na generalidade das vinhas, embora se tenham observado, pontualmente, novas infeções nas folhas. Com a subida da temperatura na terceira semana, observaram-se os primeiros sintomas de oídio nos cachos. Relativamente a pragas, a

meio do mês registaram-se as primeiras capturas de adultos da traça-da-uva, verificando-se um aumento do número de capturas no período subsequente, sendo expectável que se atinja o pico do voo nos primeiros dias de junho. O número de capturas de cigarrinha-verde também aumentou de forma muito significativa nos últimos dias do mês. Nas vinhas para uva de mesa, o míldio teve uma forte pressão. Contudo, os tratamentos efetuados têm atuado com eficácia. O oídio teve uma pressão normal para a fase fenológica da cultura e para as condições meteorológicas verificadas no mês.

Nos pomares de pessegueiros não foram identificadas doenças ou pragas com intensidade significativa.

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, não se verificaram ocorrências significativas. Foram realizados tratamentos fitossanitários contra piolhos e lagarta mineira. Face às elevadas temperaturas registadas, há uma grande probabilidade de surgimento de ácaros em junho.

No amendoal, verificou-se presença de antracnose e de alguns afídeos. Os tratamentos foram eficazes e não houve prejuízos de maior.

No nogueiral, foram identificados pontualmente focos de antracnose causados pela precipitação ocorrida na primeira metade do mês, mas apenas com danos foliares.

Nos olivais, não se verificaram ataques de pragas ou doenças em níveis que justificassem intervenção por meio de tratamentos.

Na cultura do milho, verificava-se uma grande pressão de infestantes devido ao tempo mais fresco no arranque da cultura, sendo por isso um ano exigente em tratamentos com herbicidas. Foram identificados alguns ataques de lagarta desfolhadora, os quais foram tratados oportunamente. Alguns campos estavam novamente a manifestar nanismo.

Na cultura de tomate para indústria, devido à precipitação surgiram alguns focos de míldio, oportunamente tratados, sem prejuízos assinaláveis, para além do aumento de custos.

Na cultura de melão verificou-se alguma presença de mosca branca, praga que atualmente representa um risco por ser vetor do vírus Nova Deli, o qual leva à morte da planta. Previamente os frutos ficam disformes, irregulares, sem doce e o fruto rebenta, perdendo-se a cultura por completo. Também houve focos de míldio e de oídio com baixa intensidade, tendo sido realizados tratamentos preventivos logo após as chuvas, os quais se revelaram bastante eficazes.

Na cultura da batata, as elevadas oscilações diárias de temperatura aumentaram a preocupação com a presença de alternaria. Embora haja alguma pressão de míldio, a mesma tem sido menor do que o habitual. Relativamente a pragas, foi identificada alguma presença de escaravelho. Os tratamentos têm-se revelado eficazes, constatando-se em geral uma pressão moderada de doenças e pragas.

Grande Lisboa

Na vinha de uva para vinho, em termos globais o seu estado sanitário manteve-se satisfatório em toda a região, com incidências reduzidas de míldio e pressão moderada de oídio em algumas zonas mais suscetíveis, favorecida pela persistência de neblinas e nevoeiros matinais, conjugada com tardes quentes. Em contrapartida, a pressão de míldio foi reduzida e sem consequências significativas. Os tratamentos fitossanitários, realizados com intervalos de dez a doze dias, demonstraram elevada eficácia. A monitorização regular das parcelas e a oportunidade dos tratamentos realizados permitiram um controlo eficaz, sem registo de prejuízos relevantes.

Na vinha de uva de mesa, no que respeita ao estado fitossanitário verificou-se uma forte pressão de míldio, favorecida pelas condições meteorológicas registadas. Contudo, os tratamentos efetuados revelaram-se eficazes, permitindo manter a doença sob controlo. Relativamente ao oídio, a pressão observada situava-se dentro dos níveis considerados normais para a atual fenologia e para as condições climáticas do mês.

Nas pomóideas manteve-se a presença de fogo bacteriano em pomares de pereira e macieira, continuando a observar-se sintomas da doença em diversas explorações. Na macieira verificaram-se também ocorrências de pedrado, tendo sido identificadas falhas de eficácia no seu controlo em alguns pomares. Na segunda quinzena tornou-se visível a presença de afídeos em pereira, embora sem níveis de infestação considerados preocupantes. As capturas de bichado (*Cydia pomonella*) mantiveram-se reduzidas ao longo do período. De uma forma geral, a pressão das pragas e doenças manteve-se controlada.

Nos pomares de figo, as árvores apresentavam-se em bom estado sanitário, não tendo sido registadas ocorrências de pragas, doenças ou outros fatores adversos que comprometessem o seu desenvolvimento.

Nos limoeiros, as condições meteorológicas verificadas durante o mês foram, de um modo geral, menos favoráveis ao desenvolvimento de doenças, com exceção de alguns dias de precipitação e humidade relativa elevada, que criaram temporariamente condições propícias à sua ocorrência. Mantiveram-se favoráveis as condições para o desenvolvimento de pragas, nomeadamente cochonilhas e ácaros, exigindo acompanhamento regular da sua evolução.

Os olivais apresentaram, de um modo geral, um bom estado fitossanitário, não se justificando a realização de tratamentos específicos para o controlo de pragas ou doenças durante o período em análise.

No arroz, foram efetuadas adubações e aplicados tratamentos preventivos para o controlo de infestantes. Destacou-se a necessidade de controlo das milhãs, cuja pressão veio aumentando nas parcelas de arroz alagado, exigindo um acompanhamento técnico atento para minimizar eventuais impactos na cultura.

No tomate para indústria, não foram registadas ocorrências significativas de pragas ou doenças, tendo apenas sido observada alguma presença de piolho, sem relevância. Não obstante, foram realizados tratamentos fitossanitários preventivos para o controlo de míldio,

piolho e lagarta, mantendo-se previsto o reforço destas intervenções sem comprometer a floração das plantas.

Na cultura do melão, foi observada uma elevada presença de caracóis. Contudo, não foram efetuados tratamentos específicos para o seu controlo, devido à inexistência de soluções fitossanitárias homologadas que apresentem eficácia satisfatória para esta praga.

Península de Setúbal

Na vinha, de forma geral, o estado fitossanitário apresentava-se satisfatório. Apesar da presença moderada de míldio e de ocorrências pontuais de oídio, podridão negra e cigarrinha verde, as situações observadas encontravam-se controladas através das estratégias de monitorização e dos tratamentos fitossanitários realizados, não tendo sido identificados riscos significativos para o potencial produtivo da campanha. No que diz respeito ao míldio, verificou-se alguma pressão, com ocorrência de manchas foleares em algumas parcelas e presença pontual em cachos, sobretudo nas castas mais sensíveis, como Castelão e Moscatel. Ao longo do mês a doença manteve-se sob controlo devido à realização de tratamentos fungicidas. A precipitação ocorrida condicionou a eficácia das intervenções fitossanitárias, devido à lavagem dos produtos aplicados e ao atraso na execução de alguns tratamentos. Ainda assim, não se registaram situações de elevada gravidade nem evolução significativa dos focos observados. Relativamente ao oídio, a pressão manteve-se reduzida. Foram apenas observados casos pontuais, incluindo alguns cachos com sintomas iniciais, sem expressão significativa. As condições meteorológicas ao longo do mês não favoreceram o desenvolvimento da doença, embora a descida das temperaturas e o aumento da humidade noturna justifiquem o reforço da vigilância nas próximas semanas. Registaram-se alguns sintomas pontuais de podridão negra (Black Rot), nomeadamente manchas nas folhas. Contudo, a incidência manteve-se baixa e sem impacto relevante. Os tratamentos efetuados demonstraram boa eficácia, permitindo manter a

doença sob controlo. Relativamente à escoriose, doença fúngica do lenho, não foram observados sintomas relevantes, não se registando pressão significativa desta doença. No que diz respeito a pragas, a presença de cigarrinha verde começou a ser assinalada em algumas vinhas da região, embora com níveis de infestação ainda reduzidos. Apesar de não ser generalizada, as condições climáticas poderão favorecer o seu desenvolvimento, o que justifica o acompanhamento da sua evolução nas próximas semanas. Relativamente à traça da uva, não se verificaram níveis de infestação que justificassem intervenções fitossanitárias.

Nos pomares de pomóideas a situação fitossanitária manteve-se estável e sem problemas relevantes ao longo do mês. Nas pereiras não se registou ocorrência de psila nem de pedrado. Relativamente ao fogo bacteriano, a situação encontrava-se controlada na sequência das diversas operações de limpezas sanitárias realizadas. A estenfiliose encontrava-se igualmente controlada através da conjugação de tratamentos fitossanitários, de estratégias nutricionais adequadas e de gestão do enrelvamento. Este último aspeto assume particular importância, considerando a possibilidade de instalação do fungo na vegetação herbácea, sendo as ervas altas favoráveis à criação de condições propícias ao seu desenvolvimento. Nas macieiras observaram-se apenas sintomas pontuais de pedrado em frutos da variedade Gala, sem relevância considerável. No início de junho está prevista a instalação de armadilhas para monitorização e captura da mosca do Mediterrâneo, antecipando o período de maior atividade da praga.

No que diz respeito às tangerineiras, manteve-se a monitorização regular das principais pragas presentes. Verificou-se uma redução da incidência de afídeos em comparação com o mês anterior, refletindo a eficácia das medidas de controlo implementadas e a evolução natural das condições climáticas. A presença de cochonilha continuou a ser observada em algumas parcelas, embora sem níveis de infestação que justificassem preocupação acrescida. Não se registaram prejuízos relevantes para a cultura,

mantendo-se o estado fitossanitário globalmente satisfatório.

No amendoal, de um modo geral, o estado fitossanitário apresentava-se satisfatório e estável, não se registando pressões significativas de pragas ou doenças, mantendo-se a necessidade de monitorização regular da evolução das situações pontualmente observadas. Foram registados, de forma pontual, alguns casos de gomose e sintomas iniciais de antracnose, sem expressão significativa nem impacto relevante no estado geral das árvores. Relativamente a pragas, não foi ainda detetada a presença de cigarrinha, nem se observaram outras ocorrências. Embora as condições da época possam vir a favorecer o aparecimento de ácaros, não foram identificados focos desta praga.

Na cultura do milho foram realizados tratamentos para controlo da lagarta desfolhadora nas parcelas onde se justificou a intervenção. A cigarrinha verde já se encontrava presente em algumas parcelas, situação considerada normal para a época e sem impacto relevante. Foram também realizadas aplicações de herbicidas para controlo de infestantes em pós-emergência, bem como tratamentos inseticidas.

Na cultura do arroz, ainda não se verificaram situações relevantes dada a fase inicial da cultura. Relativamente às infestantes, verificou-se uma pressão significativa, com forte presença de milhã e outras espécies infestantes em diversas áreas. Em algumas parcelas, a densidade de infestantes chegou a superar a do próprio arroz emergido, tendo sido realizadas intervenções de monda química com recurso a herbicidas para o seu controlo.

Na cultura de tomate para indústria foram observados alguns focos localizados de doenças de solo, em parcelas com histórico. Relativamente às pragas, não foram assinaladas ocorrências relevantes, encontrando-se a decorrer a monitorização e tratamentos preventivos.

Continuou a verificar-se a presença de javalis em algumas zonas, embora em menor quantidade que na

campanha anterior e sem relatos de prejuízos significativos.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste** as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas, estavam a secar muito rapidamente. Com o excesso de chuva no inverno, a erva teve um desenvolvimento inferior ao normal e devido ao calor estava a secar muito depressa, com as plantas a decaírem diariamente. As pastagens semeadas (muito poucas este ano, menos do que o habitual) estavam a ser cortadas, apresentando uma fraca produção. Durante o mês realizou-se muito corte de forragens anuais, que em geral apresentaram um rendimento e qualidade inferiores ao habitual. Nas forragens semeadas em outubro, em algumas situações foi possível o segundo corte para feno, mas em regra apenas houve um corte. Houve muito aproveitamento de forragem de nascimento espontâneo devido à grande redução das áreas semeadas, o que também contribuiu para a menor qualidade da forragem, pela presença de infestantes e por as plantas se encontrarem muito adiantadas, já espigadas e duras. A forragem de menor qualidade foi direcionada para fenos e a restante para fenossilagem e silagem. Os autoaprovisionamentos de forragem de outono-inverno este ano são bastante menores. Os preços estavam a aumentar e havia alguma dificuldade de compra por haver menor disponibilidade de forragem no mercado.

Durante o mês realizaram-se sementeiras de milho para silagem, que irão continuar em junho. A instalação da cultura correu bem e o milho mais adiantado já estava a nascer, apresentando boa germinação. No final do mês

foi iniciada a rega, pois com o vento e o tempo quente e seco, a cultura já estava a necessitar de água. Prevê-se um ligeiro aumento da área de produção comparativamente ao ano anterior, pela necessidade de os produtores pecuários compensarem a menor produção de forragens de outono-inverno.

No final do mês, as condições de alimentação das espécies pecuárias mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior, com os animais ainda a consumir reservas do ano passado na maior parte das explorações. Devido à menor qualidade da fenossilagem de azevém alguns produtores reforçaram a silagem de milho na alimentação dos animais. Os custos de produção em maio permaneceram elevados, ao nível do mês anterior ou ligeiramente acima (transportes, gasóleo, rações, forragens, palhas e outros), mantendo-se muito estreita a margem dos produtores, principalmente no setor do leite.

No **Médio Tejo**, nas pastagens permanentes de sequeiro, após a realização dos primeiros cortes a dente no mês anterior, receou-se que o seu desenvolvimento futuro pudesse ficar comprometido, uma vez que as plantas não conseguiram espigar novamente, limitando a reposição do banco de sementes. Contudo, essas pastagens evidenciaram uma boa resposta vegetativa à precipitação ocorrida ao longo do mês, mesmo que em pouca quantidade. Apesar do porte diminuto e da limitada área foliar, as plantas conseguiram retomar a floração, assegurando a sua reprodução. Os prados de regadio, mantiveram-se em bom estado vegetativo, com as plantas a evidenciar boa vitalidade e elevado vigor, encontrando-se bastante espigadas, em consequência dos dias de calor sentidos na região.

Nalgumas consociações forrageiras de sequeiro, após os cortes destinados à fenossilagem, as temperaturas elevadas registadas nos dias subsequentes inibiram o novo crescimento, condicionando a sua capacidade de regeneração.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial dos bovinos em regime

extensivo, estes encontravam-se, maioritariamente, em pastoreio, ainda sem disponibilização de outro tipo de alimentos.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, as pastagens de sequeiro tiveram pouco desenvolvimento durante o mês devido ao excesso de chuva no período de inverno. Na última semana ainda decorriam cortes para fenos, que também apresentaram um fraco desenvolvimento esperando-se menos aprovisionamento do que no ano anterior. As pastagens de regadio apresentavam um bom desenvolvimento com disponibilidade de matéria verde para os animais.

No que respeita às culturas forrageiras, durante o mês continuaram a fazer-se cortes de azevém e de consociações. Prevê-se que a forragem tenha menor qualidade do que no ano anterior porque as plantas no momento do corte encontravam-se muito adiantadas, já espigadas e um pouco secas.

Durante o mês, as sementeiras de milho para silagem decorreram com normalidade, encontrando-se já bastante adiantadas. A cultura apresentava uma boa emergência, bastante homogénea. Os campos mais adiantados encontravam-se com plantas de duas folhas e seis a sete centímetros de altura. Prevê-se algum aumento de área da cultura devido à menor produção de forragens de outono-inverno e maior procura de silagem de milho.

As condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial nas estabuladas com aptidão leiteira, mantinham-se idênticas a igual período do ano anterior, embora alguns produtores continuem a recorrer à compra de silagens e fenos para garantir os níveis de armazenamento e os regimes alimentares habituais. Relativamente aos bovinos em regime extensivo, a alimentação continuou a fazer-se com normalidade. No entanto, as pastagens deverão ser consumidas mais rapidamente por se apresentarem mais fracas.

A manutenção dos custos de produção elevados continuou a causar um forte impacto no rendimento da atividade.

Na **Grande Lisboa**, nos prados e pastagens observou-se um bom desenvolvimento vegetativo ao longo do mês, ainda com disponibilidade de matéria verde para as espécies pecuárias em pastoreio.

Relativamente ao azevém, concluiu-se o enfardamento para fenossilagem. Comparativamente à campanha anterior, a produção revelou-se superior, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Este resultado ficou a dever-se, em grande medida, à realização da sementeira em data mais precoce e à ocorrência de precipitação imediatamente após a instalação da cultura, fatores que favoreceram uma emergência e desenvolvimento mais uniformes. A presença de infestantes não comprometeu a qualidade da fenossilagem produzida. O inverno particularmente chuvoso provocou condições de saturação hídrica do solo, originando alguma asfixia radicular também nas espécies infestantes, o que limitou o seu crescimento e capacidade competitiva. Nas parcelas onde o azevém foi cortado durante o mês de abril observou-se uma boa capacidade de regeneração, fenómeno que se intensificou após os episódios de precipitação registados no início do mês. Paralelamente, iniciou-se o corte de azevém destinado à produção de feno em algumas parcelas, prevendo-se que esta operação decorra ao longo de todo o mês de junho. As operações de enfardamento foram realizadas fora dos períodos de maior calor, como medida preventiva para reduzir o risco de incêndio. Durante o mês de julho proceder-se-á ao armazenamento dos fardos de feno que venham a ser produzidos.

Ao nível da produção animal, o efetivo pecuário manteve-se em regime de pastoreio nas parcelas de cota mais baixa, onde os níveis de humidade do solo ainda permitiam a disponibilidade de pastagem. Contudo, face à redução gradual da produção forrageira,

foi necessário recorrer à suplementação alimentar com feno, não tendo sido utilizada fenossilagem.

Na **Península de Setúbal**, as pastagens apresentavam uma evolução em geral favorável no final do mês, beneficiando da precipitação registada nos meses anteriores. Após um início de primavera que gerou alguma preocupação quanto à disponibilidade de alimento, verificou-se uma recuperação significativa, permitindo assegurar o pastoreio dos efetivos pecuários em boas condições.

A existência de reservas de forragens da campanha anterior contribuiu também para reduzir a necessidade de produção adicional de feno nesta campanha, privilegiando a manutenção da biomassa no campo para consumo direto pelos animais.

Nalgumas pastagens espontâneas registaram-se boas produtividades, tendo sido efetuados cortes para fenossilagem durante abril e maio. Em algumas explorações permaneciam ainda áreas por cortar, prevendo-se a realização de novos cortes durante o mês de junho para produção de fenossilagem e feno.

Apesar da situação atualmente favorável, existe alguma preocupação relativamente à evolução das pastagens nos próximos meses. As temperaturas elevadas e a progressiva redução da disponibilidade hídrica deverão acelerar a formação de semente e a secagem da vegetação, prevendo-se um decréscimo acentuado da disponibilidade de pastagem a partir de junho, sobretudo nas áreas não regadas.

Relativamente às culturas forrageiras, em alguns casos, as produtividades foram semelhantes ou superiores às do ano anterior, beneficiando da recuperação vegetativa após os primeiros cortes e das condições de humidade existentes no solo. Houve situações em que a produção de fenossilagem foi superior relativamente à campanha anterior. Noutros casos registaram-se quebras de produtividade, embora a qualidade das forragens se tenha mantido em níveis médios.

A campanha de fenação iniciou-se mais cedo do que o habitual, procurando evitar perdas de qualidade associadas à rápida secagem das plantas provocada pelas elevadas temperaturas. De forma geral, os fenos obtidos apresentavam boa qualidade, embora a produção dos segundos cortes após fenossilagem seja reduzida, devido ao limitado crescimento vegetativo subsequente.

Relativamente às culturas forrageiras de primavera-verão, encontravam-se em preparação as áreas destinadas à instalação de milho para silagem, com sementeiras previstas para o início ou meados de junho. O milho para silagem continua a ser a principal opção dos produtores, substituindo frequentemente outras alternativas como o sorgo forrageiro ou a erva do Sudão. Ainda assim, prevê-se a instalação de áreas reduzidas de erva do Sudão em regadio, destinadas à produção de fenossilagem e feno, motivadas pela escassez de forragens disponível no mercado.

De forma geral, não houve necessidade de recorrer a suplementação dos efetivos bovinos e ovinos, cuja alimentação tem sido assegurada essencialmente através do pastoreio.



Varição das áreas semeadas relativamente ao ano anterior e estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, tal como vem sendo referido nos últimos meses, a área das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal, que habitualmente já é reduzida na região, foi ainda bastante menor do que no ano anterior devido às condições do tempo impeditivas para a realização da maior parte das sementeiras. Face às circunstâncias climáticas, as culturas cerealíferas nesta campanha apresentam uma dimensão absolutamente residual.

No final do mês, o trigo semeado em outubro e novembro apresentava-se na fase de maturação e com as plantas

em senescência, observando-se a secagem uniforme das searas, que apresentavam boa altura, boa quantidade de espigas e bom enchimento do grão. Prevê-se que a colheita ocorra em meados de junho, esperando-se uma boa produção. No entanto, é preciso que não chova na altura da colheita senão o grão fica negro e perde qualidade. O trigo semeado mais tarde, no início de março, apresentava plantas mais baixas, com cerca de 40 cm, e com boa quantidade de espigas. Estas searas irão dar pouca quantidade de palha, prevendo-se que venham a produzir grão mais miúdo devido à instalação já muito fora do ciclo e à subida das temperaturas que aceleraram a secagem das plantas, inibindo o desenvolvimento normal do grão. Comparativamente ao ano anterior, que não foi um ano bom de produção de cereais, estima-se melhor produtividade e qualidade do trigo na atual campanha, embora ainda seja um pouco cedo para avaliar.

A cevada foi semeada muito tarde, em março e abril, e no final do mês as searas apresentavam plantas baixas, com cerca de 30cm a 40cm de altura, ainda a iniciar o espigamento. Embora ainda se verificasse disponibilidade de água no solo, com as temperaturas elevadas as searas poderão começar a secar precocemente, prejudicando a formação do grão e a produtividade.

No **Médio Tejo**, a campanha das culturas cerealíferas foi marcada por uma redução muito significativa de áreas semeadas comparativamente ao ano anterior. Os motivos da redução de áreas, relacionaram-se principalmente com as condições meteorológicas ocorridas nos meses de outono-inverno, no período habitual de instalação das culturas, destacando-se a precipitação intensa e persistente, que impediu a realização das sementeiras (somente foi possível realizar sementeiras em novembro e posteriormente, no final de março) e de outras práticas agrícolas fundamentais a estas culturas. Nas poucas searas instaladas em novembro, o excesso de água no solo e as situações daí resultantes, como o encharcamento e a asfíxia radicular das plantas, trouxeram perdas muito

significativas e, em muitos casos, a perda total das searas.

Ao longo do mês, as culturas cerealíferas denotaram avanços consideráveis de secagem das plantas, principalmente na segunda quinzena, em consequência do calor muito elevado e da ausência de precipitação. As searas de trigo mole e aveia, encontravam-se em fases avançadas de maturação do grão. Nesta fase, estima-se uma produtividade ligeiramente superior à do ano anterior, devido às condições climáticas dos últimos meses favoráveis ao desenvolvimento das plantas e à reduzida pressão fitossanitária. As temperaturas elevadas registadas contribuíram para a aceleração da secagem dos grãos. Contudo, permanece ainda por avaliar a qualidade do enchimento do grão. As searas de cevada, apresentavam-se menos verdes do que o habitual, na fase de enchimento do grão. Esta cultura foi semeada mais tarde na região, sendo ainda prematuro estimar a variação da produtividade relativamente ao ano anterior.

Tal como já exposto anteriormente, é importante ressaltar: *“Este setor atravessa um momento de grande pressão, face às condições adversas que têm caracterizado a campanha agrícola. Esta realidade veio acentuar de forma significativa a vulnerabilidade económica destas explorações agrícolas, agravada ainda mais pelo aumento dos custos de produção face à conjuntura geopolítica internacional, em especial pela guerra no Médio Oriente. Os preços dos fertilizantes e dos combustíveis, ambos essenciais para a atividade agrícola, têm registado aumentos sem precedentes. Esta evolução coloca o setor sob uma forte pressão, com margens já significativamente reduzidas devido aos baixos preços praticados no mercado mundial de cereais.”*

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, como já referido nos meses anteriores, as áreas semeadas com culturas cerealíferas foram muito reduzidas devido às condições meteorológicas verificadas no inverno. Algumas searas encontravam-se a secar e outras já secas, na fase de maturação do grão. Sem boas perspetivas de

produtividade, estima-se que seja menor do que no ano anterior, motivado pela situação de asfixia radicular a que as culturas ficaram sujeitas durante o seu desenvolvimento, principalmente as que foram instaladas em terrenos mais baixos e com má drenagem.

Na **Grande Lisboa**, houve um decréscimo muito significativo da área semeada de cereais de outono-inverno, comparativamente à campanha anterior. Este facto deveu-se às condições climáticas verificadas na fase de instalação das culturas, que impossibilitaram a entrada de tratores nos solos encharcados e levaram a que alguns produtores não semeassem as áreas planeadas. Outro aspeto que contribuiu para a redução de área semeada na região está relacionado com os baixos preços pagos à produção, os quais têm vindo a evidenciar uma tendência decrescente. Estes valores revelam-se manifestamente insuficientes para assegurar a cobertura integral das contas de cultura, comprometendo a sua rentabilidade.

A instalação da cevada dística prevista inicialmente para o mês de março foi terminada no final da terceira semana do mês, ocupando uma área semeada inferior à registada na campanha anterior. A decisão de manter a instalação da cultura nesta campanha esteve associada à disponibilidade de semente previamente adquirida e à resiliência do setor.

Na **Península de Setúbal**, a cultura do triticales apresentava bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários. O triticales semeado em março estava na fase de espigamento, enquanto o semeado em janeiro já se encontrava mais avançado, na formação de grão, devendo a colheita iniciar-se a partir de julho. Prevê-se uma produção inferior à obtida na campanha anterior.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto

Vinha

No Oeste, nas vinhas para vinho verificou-se um crescimento rápido nas videiras, as quais em geral apresentavam um grande desenvolvimento foliar. No início do ciclo tudo levava a crer que existiria um desenvolvimento antecipado da cultura em relação ao ano transato, situação que tem vindo a esbater-se ao longo das últimas semanas, período em que se observou um retraimento no desenvolvimento da cultura. Essa situação poderá ter sido causada pelas amplitudes térmicas elevadas. No final do mês a cultura apresentava diferentes estados fenológicos em função das castas e da localização das vinhas, as quais se apresentavam entre os estados I – Floração, J – Alimpa e K – Bago de Ervilha. As castas mais avançadas eram a Fernão Pires nas uvas brancas e a Caladoc nas uvas tintas. A Syrah e a e a Moscatel eram as castas mais atrasadas. As vinhas em geral apresentavam-se com boa quantidade de cachos. As perspetivas de produção apontam para um acréscimo significativo face ao ano anterior em resultado do aumento de produtividade previsto nas vinhas instaladas.

As vinhas para uva de mesa apresentaram igualmente um rápido crescimento vegetativo e um grande desenvolvimento foliar. No final do mês as variedades mais adiantadas, como a Sagraone e a ARRA 30 (uvas brancas sem grainhas), encontravam-se maioritariamente entre os estados fenológicos I – Floração e J – Alimpa. Em geral observava-se uma boa quantidade de cachos, estimando-se maior produtividade comparativamente ao ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho apresentavam um bom estado vegetativo e evidenciaram ao longo do mês um desenvolvimento muito rápido. As vinhas mais avançadas encontravam-se no estado fenológico K – Bago de Ervilha, estando a floração, na generalidade, já

concluída. Registaram-se menos problemas durante a floração, situação que poderá ser justificada pela menor precipitação verificada nesse período.

As vinhas para uva de mesa, com bom estado vegetativo, encontravam-se entre os estados fenológicos I - Floração e J - Alimpa. As castas mais adiantadas, encontravam-se a iniciar o vingamento dos frutos. Reunidas condições excelentes para a cultura quer em termos climatéricos quer em termos fitossanitários, prevê-se um bom ano de produção, se as condições se mantiverem estáveis. Assim, nesta fase estima-se uma produtividade superior ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as vinhas para vinho encontravam-se maioritariamente no estado fenológico K - Bago de Ervilha. Em geral, as videiras apresentavam bons lançamentos e um grande desenvolvimento foliar, com uma boa produção de cachos.

Nas vinhas para uva de mesa, as variedades mais precoces (Sugraone e ARRA 30) encontravam-se nos estados fenológicos I - Floração e J - Alimpa, observando-se já o início do vingamento dos frutos.

Na Grande Lisboa, o desenvolvimento fenológico da vinha de uva para vinho decorreu dentro da normalidade, com boas perspectivas. O estado fenológico predominante situava-se entre o final do estado I - Floração e o K - Bago de Ervilha, observando-se alguma heterogeneidade entre parcelas da mesma casta. As castas Tinta Roriz e Castelão encontravam-se maioritariamente no final do estado fenológico J - Alimpa, a entrar no estado K - Bago de Ervilha. Nas castas brancas verificou-se um desenvolvimento homogéneo das videiras que evoluíram do estado de bago de chumbo para bago de ervilha. Esta progressão foi favorecida pelas condições térmicas moderadas e pela adequada disponibilidade de água no solo.

O estado da vinha destinada à produção de uva de mesa foi considerado satisfatório, encontrando-se a evolução da campanha dentro do expectável para a época.

Durante o mês a vinha encontrava-se, de um modo geral, entre os estados fenológicos I - Floração e J - Alimpa, sendo que no final iniciou-se a fase de vingamento. Na variedade Red Globe, as perspectivas apontaram para uma produtividade inferior à registada na campanha anterior, embora se preveja uma melhoria da qualidade da produção. Refira-se que, em 2025, ocorreram perdas significativas devido à incidência de podridões nos cachos, situação que afetou negativamente a qualidade e a produção comercializável.

Na Península de Setúbal a vinha apresentava-se com vegetação vigorosa, bom estado sanitário, desenvolvimento equilibrado e adequado, contribuindo para uma evolução favorável da cultura, apesar das temperaturas elevadas registadas a partir de meados do mês. Na região a floração ocorreu de forma muito concentrada no tempo, contribuindo para uma maior uniformidade no desenvolvimento dos cachos. O vingamento decorreu de forma satisfatória, traduzindo-se numa carga produtiva equilibrada. Assim, e relativamente ao estado fenológico, no final do mês verificava-se no geral uma homogeneidade na evolução, com a maior parte das castas no estado K - Bago de Ervilha, nomeadamente as castas mais adiantadas, como a Fernão Pires. As castas mais atrasadas, como a Moscatel, estavam ainda em J - Alimpa ou em bago de chumbo (entre J - Alimpa e K - Bago de Ervilha). Relativamente ao ano anterior, em que nesta altura ainda havia castas em floração ou na fase final de floração/vingamento com cachos visíveis pequenos, na atual campanha o desenvolvimento estava mais adiantado.

Ao longo do mês a necessidade de rega apenas começou a ser identificada de forma mais consistente nos últimos dias. Em algumas parcelas eram perceptíveis os primeiros sinais de necessidade hídrica por parte das plantas. De forma preventiva, nalgumas vinhas a rega contribuiu para reforçar o seu estado hídrico, aumentando a capacidade de defesa perante temperaturas elevadas e reduzindo o risco de escaldão e de queima dos cachos. No entanto, esta situação não

era generalizada e, em determinados casos, a rega continuava a não se justificar tecnicamente. Relativamente às expectativas para a campanha vitivinícola em curso, as observações realizadas nas vinhas indicam perspetivas muito positivas. A mostra de cachos apresentava-se com bom desenvolvimento, abundante e homogéneo, evidenciando um potencial produtivo significativamente superior ao registado no ano anterior. Verificava-se ainda uma produtividade acima do habitual em parcelas que historicamente apresentavam menores rendimentos, reforçando o potencial da campanha. Assim, perspetiva-se uma elevada produção, caso as condições meteorológicas e fitossanitárias se mantenham favoráveis até à vindima.

Pomóideas

No Oeste, durante o mês terminou o vingamento dos frutos, que correu bem, com taxas elevadas na pera Rocha e médias nas maçãs. A queda fisiológica de frutos, monda natural, foi elevada nas peras, mas sem colocar em causa a produção e contribuindo para a melhoria dos calibres. No final do mês os pomares de pera Rocha encontravam-se no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento. Aqueles onde a rega foi iniciada no princípio do mês apresentavam um bom ritmo de crescimento dos frutos, os mais adiantados já entre os 30mm e 35mm. Nos pomares onde a rega só foi iniciada na última semana verificou-se uma paragem no crescimento dos frutos devido às elevadas temperaturas. As árvores individualmente apresentavam uma boa carga de frutos, verificando-se nesta fase do desenvolvimento da cultura, uma produção superior ao ano passado. No entanto, devido à incidência do fogo bacteriano, esta previsão poderá alterar-se, não sendo ainda possível estimar uma produtividade. Os pomares de macieiras encontravam-se também com os frutos em desenvolvimento nas variedades Gala, Reineta, Fuji e Golden. A variedade RegalYou encontrava-se entre os estados fenológicos I - Vingamento e J - Frutos em Desenvolvimento. Tal como nas pereiras, o ritmo de crescimento dos frutos foi maior nos pomares onde a rega foi iniciada mais cedo.

Comparativamente ao ano anterior, nas macieiras dos grupos Golden e Fuji a produção deverá ser um pouco inferior e no grupo Gala a produção deverá ser idêntica. Contudo, as previsões poderão evoluir em função da mortalidade cada vez mais evidente de macieiras, sobretudo nos pomares que ficaram mais sujeitos a encharcamento prolongado nos meses de inverno, e devido também aos sintomas do fogo bacteriano serem muito mais elevados do que nos anos anteriores.

Na Grande Lisboa, durante o mês concluiu-se o vingamento dos frutos nas pomóideas, tendo-se registado uma elevada taxa de vingamento na pereira Rocha e uma taxa média nas macieiras da variedade Gala. Posteriormente ocorreu a queda fisiológica de frutos, particularmente acentuada na pereira. Contudo, esta situação não comprometeu o potencial produtivo dos pomares, contribuindo antes para uma melhoria dos calibres expectáveis à colheita. As árvores encontravam-se no estado fenológico de crescimento dos frutos. Nas macieiras verificou-se a ocorrência de queda fisiológica, seguida de uma fase de rápido crescimento inicial dos frutos. As condições de temperatura amena e a boa disponibilidade hídrica do solo favoreceram simultaneamente o desenvolvimento vegetativo, observando-se bom estado das árvores.

Na Península de Setúbal, conforme referido no mês anterior, as pomóideas (pereiras e macieiras), apresentaram excelentes vingamentos, traduzindo-se numa boa carga de frutos e num potencial produtivo promissor para a atual campanha. O desenvolvimento vegetativo e dos frutos decorreu de forma normal para a época, mantendo-se um bom estado geral dos pomares. A colheita da pera Rocha e da maçã Gala deverá ocorrer nos últimos dias de julho ou, mais provavelmente, no início de agosto. No caso da maçã RegalYou, a colheita está prevista para o final de setembro. As perspetivas de produção apresentam-se favoráveis. Nas macieiras prevê-se uma produção superior à registada no ano anterior e nas pereiras

significativamente superior, podendo atingir valores próximos do dobro da campanha anterior. Relativamente à qualidade da produção, é ainda prematuro estabelecer previsões, uma vez que esta dependerá da evolução das condições meteorológicas e agronómicas até à colheita.

Prunoídeas

No Oeste, algumas variedades de ameixeiras apresentavam menor quantidade de frutos, mas outras ostentavam mais do que o habitual. As ameixas estavam com bons calibres e as variedades mais precoces a iniciar a coloração. Prevê-se um ano com bastante quantidade de ameixa. Nos pomares de damascos e alperces, os frutos mais adiantados estavam prontos a colher, registando-se um ano de pouca quantidade. Os pomares de pessegueiro apresentavam frutos em crescimento e outros quase prontos a colher, designadamente as nectarinas. Face à quantidade de frutos nos pomares, prevê-se um ano normal de produção.

No Médio Tejo, em resultado das condições meteorológicas, os pomares de pessegueiros nas variedades mais precoces, demonstraram uma antecipação da maturação dos frutos. Foi iniciada a colheita na segunda quinzena de maio. É nesta fase estimada uma produtividade semelhante ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, colheram-se as primeiras ameixas no final do mês. Os pomares de pessegueiros encontravam-se no estado fenológico I - Fruto em Desenvolvimento. Em termos de produção, apresentavam uma situação regular, mas com alguma heterogeneidade. Em geral, estima-se uma produtividade semelhante ou um pouco menor do que no ano anterior.

Na Grande Lisboa, durante o mês as ameixeiras encontravam-se na fase de crescimento dos frutos, destacando-se o rápido desenvolvimento da polpa e o início da maturação nas variedades mais precoces. Com a subida das temperaturas e o avanço do ciclo vegetativo, tornou-se mais evidente a mortalidade e o declínio vegetativo de algumas árvores, situação associada às condições registadas durante o inverno. Este fenómeno teve maior expressão em pomares mais antigos e em árvores cuja produtividade já vinha apresentando uma tendência decrescente nos últimos anos, refletindo uma maior suscetibilidade aos efeitos adversos das condições edafoclimáticas verificadas.

Na Península de Setúbal, as ameixeiras apresentavam-se com frutos com bom desenvolvimento e aspeto favorável. Apesar das elevadas temperaturas registadas no final de maio terem provocado alguns casos pontuais de escaldão nos frutos, a incidência não compromete, nesta fase, o potencial produtivo da cultura. A campanha de colheita teve início no final de maio com a variedade precoce Red Beauty. Para as restantes variedades, a colheita deverá decorrer a partir de meados de junho.

Figueiras

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, encontravam-se em bom estado e com os figos lampos em desenvolvimento. Com a manutenção de condições climatéricas favoráveis até ao final de junho, prevê-se uma produção de figos lampos superior à de um ano normal. Os figos vindimos estavam em desenvolvimento.

Na Grande Lisboa, os pomares de figo encontravam-se na fase de crescimento dos frutos, observando-se uma evolução normal do ciclo vegetativo.

Cítrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo. Os solos em profundidade tinham ainda boas reservas de água e a precipitação ocorrida na segunda semana, em quantidade razoável, ajudou a equilibrar as necessidades da cultura, promovendo o crescimento dos novos lançamentos. A fase de vingamento terminou durante o mês e os frutos encontravam-se no início do crescimento. Algumas variedades apresentavam boa quantidade de frutos e outras menos. Os pomares mais expostos aos efeitos da tempestade Kristin apresentavam menos produção. Nas árvores ainda havia alguns frutos maduros e frutos em desenvolvimento dos ciclos produtivos anteriores. Durante o mês realizaram-se algumas colheitas de limão.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado vegetativo e em meados do mês iniciavam um novo vingamento de frutos.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), encontravam-se em bom estado vegetativo, na fase do crescimento dos frutos. Alguns mais atrasados, encontravam-se ainda com queda de folha velha. Prevê-se um ano médio a bom de produção de laranja.

Na Grande Lisboa, os pomares de limoeiros encontravam-se em fase de floração, não se tendo registado danos significativos associados à traça-do-limoeiro. Relativamente à produção em colheita, observou-se uma elevada incidência de defeitos epidérmicos nos frutos, atribuída ao efeito dos ventos fortes ocorridos durante o inverno, com impacto na qualidade comercial de parte da produção.

Na Península de Setúbal, no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento e ainda

com reduzidas dimensões. A colheita deverá ocorrer a partir de setembro.

Os pomares de tangerineiras de um modo geral, apresentavam um bom estado vegetativo, com desenvolvimento equilibrado e adequado às diferentes idades das plantações. Encontravam-se predominantemente na fase de vingamento e crescimento dos frutos. Após a queda das pétalas e a fixação dos frutos observadas no mês anterior, verificou-se um desenvolvimento regular do seu calibre e a continuação do crescimento vegetativo da copa.

Amendoal

No Médio Tejo, os pomares de amendoeiras apresentaram um bom vingamento de frutos, encontrando-se ao longo do mês, com um bom ritmo de desenvolvimento e uma boa carga de frutos formados. A cultura verificava-se no final do mês, na fase J – Fruto Desenvolvido. Neste período, os pomares evidenciavam elevadas necessidades hídricas, em resultado das altas temperaturas registadas na região. Nos pomares localizados na proximidade do rio Tejo, a situação revelou-se mais crítica, devido à escassez de água disponível para rega, mantendo-se em alguns casos há vários dias sem qualquer aporte hídrico. Nesta fase, estima-se uma produtividade média a alta. A reduzida queda de frutos observada evidencia boas condições das árvores, apontando para uma boa produção na região, caso não ocorram fatores adversos até ao período da colheita.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, como referido anteriormente, o amendoal apresentava duas situações distintas. Nos pomares afetados pelas cheias, a floração foi mais reduzida e o vingamento dos frutos mais fraco. Nos restantes pomares, verificou-se um bom desenvolvimento vegetativo e um bom vingamento de frutos, com alguns pomares a apresentarem uma carga de amêndoa bastante grande, inclusive as árvores mais jovens e as variedades com menos aptidão na região. Se

até à colheita, em finais de agosto, não ocorrerem adversidades como granizo ou ataques de javalis na fase final da maturação, é estimada uma produção bastante melhor comparativamente aos anos anteriores.

Na Península de Setúbal, o amendoal apresentava uma evolução vegetativa favorável, evidenciando um bom estado geral de desenvolvimento e vigor. Os frutos encontravam-se na fase de enchimento, com desenvolvimento interno adequado e compatível com a época. A mostra de frutos é moderada a fraca, refletindo um potencial produtivo abaixo dos níveis mais elevados da cultura. No entanto, a carga produtiva observada é superior à registada na campanha anterior, permitindo perspetivar uma produção mais favorável face ao ano anterior.

Nogueiral

No Médio Tejo, as noqueiras encontravam-se em vários estádios fenológicos, no final da floração, no início do vingamento e no crescimento dos frutos. Esta diferenciação de estádios observada nos pomares resultou da heterogeneidade da rebentação das árvores que pode ter sido causada pelo inverno ameno (pouco frio) e pelas cheias ocorridas no início de fevereiro.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, a cultura apresentava diferentes estados fenológicos, encontrando-se no fim da floração, início do vingamento e crescimento do fruto, em resultado de ter havido uma heterogeneidade da rebentação das árvores, que poderá ter sido causada pela falta de horas de frio acumuladas necessárias para a cultura e pelas cheias ocorridas no início do mês de fevereiro.

Olival

No Oeste, o olival apresentou um bom desenvolvimento vegetativo e uma grande abundância floral em resultado

das temperaturas e da boa disponibilidade hídrica dos solos. Durante o mês decorreram de forma progressiva e homogénea em toda a região, as diversas fases de floração até à queda das pétalas, e nos últimos dias verificou-se o vingamento dos frutos seguido das quedas fisiológicas naturais. Nas variedades mais precoces registou-se o primeiro estado de crescimento das azeitonas.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais durante o mês, de forma homogénea e por toda a região, verificaram-se todas as fases da floração até à queda das pétalas. Nos últimos dias verificou-se de forma progressiva o vingamento dos frutos, seguido da queda fisiológica dos mesmos, registando-se nas variedades mais precoces o primeiro estado de crescimento das azeitonas. Os olivais intensivos apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se nas fases de plena floração e de queda de pétalas. Outras variedades mais precoces estavam no início do vingamento dos frutos. Nesta fase as perspetivas da produção em termos quantitativos são boas, tendo presente uma boa floração.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, a floração decorreu com bastante exuberância na maior parte dos olivais, os quais no final do mês se encontravam no estado fenológico I – Desenvolvimento dos Frutos. Prevê-se que possa vir a ser uma campanha de boa produção atendendo à quantidade de frutos vingados a iniciar a fase de crescimento, pese embora ainda possam ocorrer situações que levem à queda fisiológica de frutos ou que venham a afetar o desenvolvimento dos mesmos.

Na Grande Lisboa, durante o mês observou-se, de forma generalizada em toda a região a evolução das oliveiras através das diferentes fases fenológicas da floração, desde a abertura das flores até à queda das pétalas. Nos últimos dias verificou-se o início do vingamento dos frutos, seguido das quedas fisiológicas características desta fase do ciclo. Nas variedades mais precoces já se

observavam os primeiros estádios de crescimento das azeitonas.

Mirtilo

No Médio Tejo, os pomares de mirtilo (variedades Duke e Misty) encontravam-se em geral com os frutos maduros, tendo sido iniciada a colheita na última semana de maio. A maturação dos frutos foi mais célere do que no ano anterior permitindo uma antecipação da colheita na região que se prolongará pelo mês de junho. Em termos quantitativos, prevê-se uma produção inferior à da campanha precedente, uma vez que a precipitação intensa ocorrida durante a fase de floração comprometeu significativamente o potencial produtivo da cultura.

Na Península de Setúbal, a colheita iniciou no princípio de maio, estando prevista que decorra até final de junho, com valores de produtividade superiores à campanha anterior, considerando a entrada em produção de novas áreas.



Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de Batata de regadio; Milho, Arroz, Grão de Bico, Feijão, Tomate (p/indústria) e Girassol: como decorreram; como germinaram: variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

Batata de regadio

No Oeste, a cultura de batata de regadio encontrava-se atrasada devido à instalação tardia. As plantações ficaram praticamente concluídas em abril, embora em maio ainda se tenham realizado algumas, principalmente em solos mais fortes. As plantações correram bem, a germinação foi boa e o

desenvolvimento da cultura foi equilibrado. Nos campos mais adiantados, embora o ciclo ainda não se encontrasse completo, durante o mês iniciaram-se as colheitas de batata primor, que foram antecipadas pelos produtores devido à oportunidade de melhores preços. Estima-se uma área de produção menor do que no ano anterior, motivada pelas más condições meteorológicas no período de instalação da cultura e pelo baixo preço pago ao produtor, e uma produtividade normal, superior à do ano precedente, que foi um ano mau. Pela amostragem em alguns campos, o número de tubérculos por planta encontrava-se dentro dos padrões e apresentavam bom calibre.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as plantações de batata para indústria e para consumo em fresco terminaram a meio do mês, tendo decorrido bem e com uma boa emergência. As plantações mais adiantadas encontravam-se em colheita, que foi iniciada a meio do mês e as plantações mais atrasadas estavam ainda a nascer. A maioria dos campos encontrava-se em pleno desenvolvimento vegetativo, com os tubérculos a ganhar calibre, apresentando uma tuberização equilibrada, dentro do previsto. Embora a instalação da cultura tenha atrasado bastante, houve uma boa recuperação, a colheita iniciou-se na região com poucos dias de atraso relativamente a um ano normal. A área plantada é menor do que no ano anterior devido à descida de preço nos contratos com a indústria e à grande disponibilidade de produção da campanha anterior nos principais países produtores, causando pressão nos preços pagos ao produtor. Estima-se uma produtividade semelhante a um ano normal, bastante superior à do ano anterior, que foi um ano mau. A cultura tem custos de produção elevados e a subida dos preços dos fatores de produção, registada nos últimos meses, está a diminuir fortemente o rendimento dos produtores, podendo alguns ficar numa situação financeira mais crítica.

Na Península de Setúbal a batata semeada em fevereiro e março deverá ser colhida em junho e julho.

Milho

No Oeste, a maior parte do milho de sequeiro foi semeado em abril, tendo as sementeiras corrido com normalidade. O milho emergiu e nasceu bem. No final do mês as plantas apresentavam cerca de 50cm de altura nas searas mais adiantadas. Registou-se um bom desenvolvimento vegetativo da cultura, que beneficiou bastante da precipitação ocorrida na primeira metade do mês e das boas reservas de água ainda disponíveis no solo, verificando-se ainda muita humidade na camada inferior. Estima-se que a área da cultura seja semelhante à do ano anterior.

No Médio Tejo, as sementeiras de milho decorreram com normalidade ao longo do mês, encontrando-se praticamente concluídas na última semana. Em geral a cultura denotava um bom estado vegetativo, encontrando-se os campos mais avançados, com plantas no estágio de 10/12 folhas. Na região foram utilizadas sementes de milho de ciclo FAO 500. Nesta fase é prevista uma ligeira redução de áreas semeadas na região comparativamente ao ano anterior. O motivo relaciona-se com outras oportunidades culturais, em particular com a instalação da cultura de girassol em detrimento do milho.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, realizaram-se sementeiras de milho durante o mês, as quais irão prosseguir em junho. Decorreram com normalidade nos períodos mais secos e a um ritmo mais lento ou com paragens curtas nos períodos de chuva. A cultura germinou bem e de forma homogénea, embora em alguns campos, com ocorrência de chuva forte, tenha havido compactação/formação de crosta que dificultou a emergência. As searas em geral apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se as mais adiantadas com plantas no estado joelheiro, entre as fases V7 a V10 (sete a dez folhas). Estima-se nesta fase uma diminuição de área da cultura relativamente ao ano anterior, principalmente devido aos preços baixos pagos

à produção, optando os produtores por culturas alternativas como o tomate para a indústria e o girassol.

Na Grande Lisboa, durante o mês prosseguiram as operações de sementeira do milho, prevendo-se a sua conclusão até ao final da primeira semana de junho. As áreas já instaladas apresentaram um bom desenvolvimento vegetativo, encontrando-se as searas mais precoces no estado fenológico de joelheiro. Foram realizados tratamentos preventivos para o controlo de infestantes e insetos, não se tendo registado ocorrências fitossanitárias relevantes. De um modo geral, a cultura encontrava-se em boas condições de desenvolvimento. Apesar das perspetivas favoráveis, subsistem preocupações quanto à rentabilidade da campanha, em virtude da manutenção de preços de comercialização do milho em níveis reduzidos, o que poderá comprometer a cobertura integral dos custos de produção.

Na Península de Setúbal a instalação da cultura do milho grão decorreu, de forma geral, dentro da normalidade. Após um período prolongado sem precipitação, que permitiu a secagem dos solos e a sua preparação adequada, as sementeiras tiveram início em meados de abril e realizaram-se maioritariamente durante o mês de maio, em datas consideradas adequadas para a cultura. No geral, as sementeiras encontravam-se concluídas no final do mês, restando semear apenas cerca de 5%, com conclusão prevista para o início de junho. Em algumas explorações verificou-se uma redução da área semeada, essencialmente devido ao prolongamento do ciclo da batata e ao conseqüente atraso na libertação das parcelas destinadas à instalação do milho. No final do mês as searas apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, com emergência uniforme. Os milhos mais precoces encontravam-se no estágio 2/3 folhas e com 15cm a 20cm de altura, enquanto as sementeiras mais tardias estavam em fase de emergência.

Arroz

No Oeste, como referido no mês anterior, a instalação da cultura foi iniciada com um atraso significativo devido à destruição parcial dos diques de proteção e conseqüente inundação de grande parte dos campos de cultivo de arroz nas margens do rio Tejo, tendo ficado sem condições para a prática da cultura. As sementeiras, iniciadas apenas na última semana de abril, decorreram em maio e encontravam-se praticamente concluídas no final do mês. Foram interrompidas durante alguns dias devido aos episódios de precipitação verificados nas duas primeiras semanas. Esta ocorrência atrasou ligeiramente a instalação da cultura, embora sem impacto relevante, tendo sido rapidamente retomada. Nos primeiros campos semeados registou-se uma boa germinação e um bom estado vegetativo das plantas, as quais se apresentavam ainda pequenas, com duas folhas, desenvolvendo dentro do esperado tendo em conta a data de sementeira. A área ocupada pela cultura é semelhante à do ano anterior. Durante o mês houve boa disponibilidade de água para a cultura.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as sementeiras encontravam-se em curso, tendo as mesmas sido realizadas principalmente a partir da segunda metade do mês, decorrendo nesse período a um bom ritmo. Na primeira quinzena as condições climáticas adversas, designadamente, vento, noites frias e precipitação forte, atrasaram a preparação dos solos e as sementeiras. A instalação da cultura encontrava-se muito mais adiantada do que no ano anterior devido às condições climáticas mais favoráveis nos meses de primavera. Os primeiros campos instalados germinaram lentamente devido às temperaturas ainda baixas.

Na Grande Lisboa, prosseguiram os trabalhos de preparação dos canteiros e de sementeira do arroz. No final do período em análise encontrava-se semeada cerca de 80% da área prevista, estimando-se a conclusão das sementeiras por volta do dia 12 de junho.

Nas searas mais precoces, no final do mês já era visível a emergência e desenvolvimento inicial das plantas, esperando-se no próximo mês uma boa evolução com o aumento da temperatura. Foram realizadas as aplicações de herbicidas e as adubações previstas no plano cultural, encontrando-se a cultura em condições normais de desenvolvimento e dentro dos parâmetros expectáveis para a época.

Na Península de Setúbal, na zona da Marateca, as sementeiras iniciaram-se no final de abril, devendo estar concluídas em meados de junho. Na zona de Rio Frio, os trabalhos de reparação devido às tempestades de inverno e de preparação dos terrenos para as sementeiras realizados em abril, atrasaram as sementeiras, que se iniciaram em meados de maio. Nesta zona as sementeiras vão prolongar-se até final de junho. Nas parcelas semeadas mais precocemente, no final do mês a cultura já tinha emergido, apresentando plantas com uma a duas folhas e alturas médias entre 5cm e 10cm. De salientar que muitos agricultores aderiram à Medida do Pousio Regenerativo, que visa, entre outros objetivos, o controlo mecânico de infestantes. Esta estratégia poderá revelar-se particularmente benéfica na cultura do arroz, devido à elevada pressão de infestantes. Como consequência da implementação desta medida, estima-se uma redução da superfície efetivamente cultivada com arroz, com potenciais benefícios futuros ao nível da gestão das infestantes e da sustentabilidade dos sistemas produtivos.

Grão de Bico

No Oeste, como já referido no mês anterior, a cultura do grão de bico é praticada por agricultores mais idosos, em regime de sequeiro e em áreas muito reduzidas, com exceção de algum produtor com maior dimensão. A área total ocupada pela cultura é muito residual na região, prevendo-se uma diminuição acentuada comparativamente ao ano anterior devido aos maiores produtores não praticarem a cultura este ano.

No Médio Tejo, nesta campanha, a cultura teve pouca expressão na região.

Na Lezíria do Tejo, como já referido anteriormente a cultura foi instalada muito tarde, com as primeiras sementeiras realizadas em março, já com temperaturas muito elevadas. A emergência deu-se de forma muito heterogênea. Os campos mais adiantados encontravam-se em plena floração, enquanto os mais tardios a iniciar a floração. Prevê-se um aumento significativo da área da cultura comparativamente ao ano anterior.

Feijão

No Oeste, as sementeiras realizadas em março e abril apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo. No final do mês já tinha sido iniciada a floração, receando-se que as temperaturas elevadas provoquem abortamento floral, prejudicando o vingamento. A área da cultura será significativamente menor do que no ano anterior devido aos maiores produtores da região terem substituído a cultura por outras produções que apresentam maior rentabilidade económica.

No Médio Tejo, em algumas das sementeiras realizadas no princípio de abril, a germinação foi má e as plantas que vingaram acabaram por amarelecer e definhar. Nessas áreas ocorreram novas sementeiras no final de maio. Mantém-se a estimativa de manutenção das áreas semeadas comparativamente ao ano anterior.

Tomate para indústria

No Oeste, as áreas instaladas com tomate para a indústria apresentavam bom vigor vegetativo e um desenvolvimento normal para a época, sem registo de incidência significativa de doenças ou pragas. Estima-se uma área de produção semelhante ao ano anterior.

No Médio Tejo, as plantações de tomate para indústria decorreram ao longo do mês com normalidade, encontrando-se na região praticamente concluídas. Será necessário retanchar algumas plantas ainda jovens que ficaram queimadas pelo elevado calor, de forma a uniformizar os campos. O crescimento decorreu em boas condições, verificando-se, contudo, a necessidade de reforço da rega na cultura. Nas searas mais avançadas verificavam-se plantas com 40cm de altura e 80cm de largo ("camalhão"). É estimada uma manutenção de área na região relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as plantações decorreram conforme o planeamento e encontravam-se muito avançadas no final do mês. Os primeiros campos plantados estavam a entrar na fase de floração, com boas perspetivas de vingamento dos frutos. Atendendo à plantação atempada e ao estado de desenvolvimento dos campos, prevê-se o início de colheita na época habitual, finais de julho início de agosto, sendo ainda muito imprevisível a evolução da produtividade. Como já referido anteriormente, na região prevê-se a instalação de uma área semelhante à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, nesta campanha, a área plantada é ligeiramente superior à da campanha anterior, em resultado do aumento das quotas atribuídas pela indústria para níveis semelhantes aos de 2024. Apesar de os preços pagos aos produtores se manterem próximos dos registados na campanha anterior, a maior disponibilidade de quota incentivou o aumento da área cultivada. As operações de plantação tiveram o seu início significativo no princípio de abril, tendo algumas explorações concluído a instalação da cultura durante o mês de maio, enquanto outras preveem finalizar os trabalhos até ao final da primeira semana de junho. Nesta campanha verificou-se por parte de alguns produtores a opção por plantas inoculadas com microrganismos, com o objetivo de promover o enriquecimento do microbioma do solo, uma opção

facilitada pelo enquadramento deste investimento nos Programas Operacionais das Organizações de Produtores. Esta estratégia biotecnológica melhora a absorção de nutrientes, aumenta a tolerância a *stress* (ex: seca, salinidade) e previne doenças radiculares, promovendo um crescimento mais vigoroso e sustentável. A cultura apresentava no final do mês, de um modo geral, um bom estado vegetativo e fitossanitário. As parcelas mais precoces encontravam-se já em floração, observando-se igualmente o início da frutificação em algumas plantações realizadas no início de abril.

Na Península de Setúbal, a plantação teve início no princípio de abril e encontrava-se praticamente concluída no final de maio, permanecendo por plantar cerca de 14% da área prevista. Verificou-se um pequeno aumento da área plantada relativamente à campanha anterior. O desenvolvimento da cultura decorreu dentro da normalidade, apresentando-se as plantações com bom estado vegetativo.

Girassol

No Médio Tejo, estima-se um aumento significativo de áreas semeadas com a cultura de girassol comparativamente ao ano anterior, por um lado, pelo facto de a cultura ter sido muito pouco praticada na campanha precedente e por outro lado, pelo facto de nesta campanha agrícola, muitos produtores terem optado pela cultura em alternativa, principalmente ao milho (grão) de regadio, por se tratar de uma cultura menos exigente em termos de operações culturais e de fatores de produção, resultando em menores custos, nomeadamente ao nível da rega, da fertilização e das práticas culturais. As searas mais avançadas encontravam-se em bom estado vegetativo, na fase inicial de formação dos capítulos, enquanto as mais tardias apresentavam plantas no estágio de quatro folhas.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, estima-se uma evolução positiva da área semeada relativamente ao ano anterior. As searas apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo. As mais avançadas, semeadas em março, estavam a iniciar a formação dos capítulos (inflorescência) e as semeadas mais tarde apresentavam plantas ainda em desenvolvimento vegetativo, com quatro folhas.

Melão

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, continuaram a ser instaladas plantações de melão durante o mês. As mesmas realizaram-se com normalidade, com exceção da terceira semana devido a uma rápida subida das temperaturas que criou maior dificuldade nas operações de instalação da cultura e levou à perda de algumas plantas obrigando a retanchar, embora com pouco significado. As primeiras plantações, instaladas em abril, apresentavam plantas na fase de vingamento dos frutos, já com cerca de 5cm. O vingamento decorreu de forma normal, com uma taxa de abortamento reduzida, esperando-se uma produção ligeiramente superior à do ano anterior. As plantações da segunda fase apresentavam plantas em floração, sendo ainda cedo para avaliar a produtividade.

Na Grande Lisboa, a cultura do melão tem vindo a perder expressão, em consequência da elevada volatilidade dos preços pagos à produção. A instalação da cultura continuou a ser feita ao longo do mês, de forma faseada, com o objetivo de escalonar a produção e assegurar a disponibilidade de produto durante todo o período de verão.



Estado vegetativo da cultura de Batata de sequeiro

No **Oeste**, as plantações de batata de sequeiro iniciaram-se com atraso por não ter havido condições para entrar nos terrenos na altura adequada à instalação da cultura. Devido ao excesso de água no solo na fase inicial, verificou-se uma redução do desenvolvimento radicular em profundidade numa tentativa de as plantas estabelecerem uma ocupação do perfil superficial do solo, sendo posteriormente afetadas pela desidratação acentuada dessa camada devido ao aumento da intensidade do vento e à subida da temperatura verificadas a partir do início do mês. O desenvolvimento da cultura reagiu muito positivamente à chuva que ocorreu durante a segunda semana, mas no final do mês estava a ressentir-se das temperaturas bastante elevadas e da falta de precipitação. No final do mês a cultura apresentava um bom desenvolvimento foliar. A colheita vai ser tardia devido ao atraso na instalação. Nos campos mais adiantados prevê-se o início da colheita no princípio de junho, estimando-se que decorra até ao final de julho ou até mais tarde, dependendo da ocorrência ou não de precipitação, a qual irá influenciar o aumento de calibre e retardar o ponto de colheita. Prevê-se uma produção com qualidade razoável e com calibres dentro da média. A tuberação em geral apresentava-se baixa prevendo-se uma produtividade menor do que o normal para a região, mas melhor do que no ano anterior.

05 de junho de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	36,1	31,4	35,1	34,2	36,5	37,6	38,3	38,9	a)	40,1
Dia	26	26	26	26	26	27	27	27	a)	27
Valor médio da temperatura máxima (°C)	23,7	20,4	23,4	24,5	25,5	27,0	26,1	27,8	a)	29,0
Temperatura máxima normal para a época (°C)	22,1	—	22,0	23,1	24,2	24,8	24,6	25,7	—	26,0
Temperatura mínima (°C)	7,5	8,9	7,6	11,6	7,2	5,5	9,0	4,1	a)	3,3
Dia	7	1	13	10	1	6	5	5	a)	5
Valor médio da temperatura mínima (°C)	11,6	12,1	11,9	14,8	11,6	11,5	12,6	10,9	a)	10,5
Temperatura mínima normal para a época (°C)	10,4	—	11,4	14,4	11,8	11,5	12,4	10,8	—	9,0
Temperatura média normal para a época (°C)	16,3	—	16,7	18,8	18,0	18,2	18,5	18,2	—	17,9
Horas de frio	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Rajada máxima de vento (Km/h)	58,3	61,2	61,2	70,6	58,7	55,4	63,7	57,6	51,1	55,8
Dia	14	10	10	9	15	10	10	15	15	15
Número de dias com precipitação	10	11	12	5	4	13	7	6	7	6
Precipitação acumulada no mês (mm)	61,3	38,0	56,4	40,0	38,3	17,6	29,2	27,8	37,5	22,1
Precipitação normal para a época (mm)	61,8	—	48,0	57,8	53,8	47,0	44,8	47,8	—	53,7
Precipitação diária máxima no mês (mm)	16,8	11,7	17,5	33,5	17,5	7,9	11,6	10,0	10,7	12,3
Dia	9	9	9	9	12	9	9	10	9	9
Humidade relativa diária mínima (%)	23	27	23	24	19	37	18	17	16	13
Humidade relativa diária máxima (%)	99	100	99	100	96	100	98	100	100	100

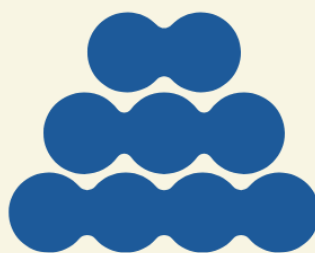
Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados de Temperatura Máxima e Temperatura Mínima, na estação meteorológica de Tomar/Valdonas, no período entre os dias 5 a 31.

– Sem dados

n/a – Não aplicável



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT